

# Política e niilismo na obra de Dostoiévski

---

**Roberto Wu**

Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Mestre em Filosofia pela UFPR.  
Professor de Filosofia Jurídica na Universidade Positivo

*Pesquisa filosófica é e permanece ateísmo, que é por que a filosofia pode conceder-se “a arrogância do pensamento”. (...) Esta arrogância é a necessidade interna da filosofia e sua verdadeira força.*

**Martin Heidegger, História do conceito de tempo (prolegômenos)**

*A ambição mais elevada da literatura é proporcionar aos homens um conhecimento acerca de si mesmos através de imagens verdadeiras, isto é, aquelas que o escritor produz ao rearticular de modo crítico e fictício a dramaticidade da existência, quase sempre disfarçada pelas máscaras do pragmatismo cotidiano. Os operadores críticos que permitem superar a realidade ideologicamente constituída e defrontar-se com o enigma podem contemplar vários veios de decifração, no intuito de atingir os desvãos de uma interioridade recalcada, e privilegiar, dentre eles, aspectos sociais e históricos, metafísicos e religiosos que incidem numa certa organização da vida em que o Eu flutua na superfície da existência, como que paradoxalmente apoiando-se na profundidade sempre presente sob si, embora nunca explorada.*

**Franklin Leopoldo e Silva<sup>1</sup>**

---

\* Este artigo é resultado das discussões do grupo de estudos em Hermenêutica que em 2007 pesquisou sobre “A questão do fundamento da moral no séc. XIX na obra de Dostoiévski”.

1) SILVA, F. L. e. Apresentação do livro de Luiz Felipe Pondé, *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*, São Paulo: Ed. 34, 2003.

## 1 DOSTOIÉVSKI E O TEMA DO NILISMO RUSSO

Pretende-se nesse artigo discutir questões relativas à ação humana. Para tanto, repudia-se desde o início certa concepção jurídica, auto-suficiente, que concebe a si mesma unicamente a partir de relações lógicas dadas no interior de um “ordenamento jurídico”, e que é justificada por um *pressuposto sem pressuposto*, uma “norma fundamental”, um fundamento indemonstrável desde o qual se segue um desenvolvimento jurídico. Faz-se necessário outro ponto de partida para compreender o universo amplo a partir do qual não apenas os fenômenos jurídicos podem ser compreendidos, mas o próprio mundo da *praxis*. Recusa-se a separação rígida das questões jurídicas das outras áreas humanas, tais como ética, filosofia, sociologia, história, etc., distinção que surge unicamente com o fito de proclamar a “cientificidade” do Direito, mas que, ao nosso ver, impede o desenvolvimento das potencialidades mais próprias do Direito. Investiga-se outro caminho que não aquele que levaria à conclusão de uma teoria monista do direito, que afirma existir apenas um direito, o direito positivo, e que exprime certo orgulho cientificista com o suposto êxito na delimitação de um campo puro que opera perfeitamente bem, não em relação à justiça, já que esta não é mais o foco do Direito – “a norma fundamental de uma ordem jurídica positiva não é de forma alguma uma norma de justiça”<sup>2</sup> –, mas como máquina burocrática sem finalidade ou, mais precisamente, cuja finalidade é manutenção de si mesma, na medida em que se isenta das considerações fundamentais da *praxis* humana. Para isso, questionamos não o Direito, mas o fundamento da ação humana.

Nesse sentido, a obra de Fiódor Dostoiévski fornece, com poucos paralelos na história da humanidade, o mapeamento dos descaminhos da existência humana. Escritor russo que viveu de 1821 a 1881 e que legou uma produção inigualável ao cristalizar a cidade de São Petersburgo como palco privilegiado dos seus romances e contos, espaço em que se desenrola a eterna tragédia humana, agora devidamente inserida na modernidade. Do ponto de vista do estilo, essa tragédia moderna é introduzida com um elemento novo: a polifonia<sup>3</sup>. Desaparece a figura de um grande artífice que tudo controla; os seus personagens não são a voz do autor mas têm um desenvolvimento próprio que os leva invariavelmente a embates. Nesse sentido, a ambiência desses personagens reproduz analogicamente os conflitos da própria realidade, os choques entre indivíduos tomados por crenças – racionais ou não, emoções e desejos, e que procuram dar um sentido para esse mundo compartilhado a partir de sua voz.

O primeiro romance de Dostoiévski, intitulado *Pobre gente*, teve uma recepção calorosa da crítica, particularmente do renomado crítico V. G. Bielínski, que o inseriu imediatamente no meio intelectual russo. É característico desse momento, o envolvimento de Dostoiévski com grandes nomes do mundo cultural russo na “Plêiade de Bielínski” – na qual também participava Ivan Turguêniev (1818–1883) – que tomava para si, enquanto aristocracia instruída, a tarefa de

---

2) KELSEN, H. *O problema da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 117.

incitar mudanças sociais. Dentre essas mudanças, uma ocupava posição de destaque: a emancipação dos servos. Por inúmeras divergências e desgastes pessoais, Dostoiévski afasta-se da Plêiade e passa temporariamente a participar do “Círculo de Bekétov” e, finalmente, ao “Círculo de Petrachévski”. Esse último teria um caráter político-social ainda mais acentuado do que as discussões da Plêiade; no “Círculo de Petrachévski” discutiam-se teorias socialistas como as de Saint-Simon, Proudhon e Fourier. Em algum momento, as reuniões às sextas-feiras nesse Círculo praticamente adquiriram ares de organização política secreta a partir de um crescente radicalismo entre alguns de seus participantes, tendo por figura central N. A. Spechniev, que inspiraria o personagem Nikolai Stavróguin, cerca de vinte anos depois no romance *Os demônios* – não por acaso, Dostoiévski referia-se a Spechniev como seu próprio Mefistóteles. Sob os auspícios de Spechniev, alguns integrantes do Círculo de Petrachévski elaboraram um plano secreto (nem o próprio Petrachévski soube ou participou) de instalar uma gráfica secreta e imprimir panfletos que incitassem o povo russo a uma revolução, capitaneada pela questão da emancipação dos servos<sup>4</sup>.

Espiões do czar Nicolau I mantinham o grupo sob constante vigilância, até que o soberano decidiu mostrar força diante do pensamento revolucionário que cada vez mais tomava conta dos ambientes culturais russos. O efeito disso é literalmente um período de terror, com prisões e mortes de quaisquer pessoas que tivessem ou incitassem ao pensamento livre. Isso se fazia necessário, segundo a ótica do czar, porque por toda a Europa do final dos anos 1840, abundavam revoluções que culminavam na deposição dos regimes monárquicos; desse modo, era necessário impor uma tática repressiva que evitasse o livre debate sobre as questões políticas e sociais concernentes ao povo russo, especificamente as pertinentes ao campesinato.

A posição de Dostoiévski tem sido sempre ambígua em relação à sua atividade revolucionária: nunca se assumiu como um e de modo geral, ao expressar-se sobre o seu passado revolucionário, sempre assinalou o caráter fortuito de seu envolvimento e evidenciava freqüentemente o seu desacordo com o fourierismo em voga; no entanto, ao mesmo tempo, participou dos planos de Spechniev na sua organização secreta, e, quando questionado sobre a impossibilidade de se libertar os servos a não ser por uma insurreição, teria afirmado: “que venha a insurreição!”<sup>5</sup>. Preso em 1849, Dostoiévski foi enviado à Fortaleza *Pedro e Paulo* em São Petersburgo sendo sentenciado posteriormente à execução em praça pública juntamente com os outros membros do Círculo. Na praça Semenóvski, o grupo foi levado a crer que seria executado quando, no último momento, lhes foi comunicado o perdão concedido pelo czar. Seguiu-se à farsa da execução um período de reclusão no presídio de Omsk na Sibéria, de onde sairia apenas em 1854, servindo ainda por um determinado período como soldado no exílio. Dostoi-

3) Cf. BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2005.

4) FRANK, J. *Dostoiévski: as sementes da revolta (1821-1849)*. São Paulo: Edusp, 1999. Capítulos 11-19, pp. 187-377.

5) MILLER e STRÁKHOV, *Biografia*, p. 85, apud FRANK, J. *Dostoiévski: as sementes da revolta*, p. 352.

évski só retornaria a São Petersburgo e retomaria a sua carreira literária em 1859. É a partir desse período que começa a época da criação de seus grandes clássicos: *Memórias do subsolo* (1864), *Crime e castigo* (1866), *O idiota* (1868), *Os demônios* (1870) e *Os irmãos Karamazóvi* (1879). Analisaremos a obra de Dostoiévski, em especial os romances *Crime e castigo* e *Os demônios*, com o propósito de refletir sobre o significado da ação e da política a partir da temática do niilismo – assunto, aliás, apropriado de Turguêniev.

Em 1862 Turguêniev publica *Pais e filhos*, a sua grande obra-prima, que retrata o conflito de gerações não apenas num sentido atemporal como tensão preexistente em todas as divergências entre o novo e o antigo, mas abordando o momento especial do mundo russo, com a libertação dos servos e o advento das ciências. Esse romance é, na verdade, uma resposta à nova geração, representada por Tchernichévski e Dobroliubóv, que haviam escrito artigos que ridicularizavam os personagens de Turguêniev. A partir de *Pais e Filhos*, a nova geração (1860) seria conhecida como niilista por oposição a antiga (1840) da qual o próprio Turguêniev fazia parte. Para se ter idéia do impacto dessa obra, veja o seguinte trecho das memórias desse autor:

Não me alongarei sobre a impressão que esse romance criou (...). Direi apenas que, quando voltei a Petersburgo no mesmo dia do conhecido incêndio no Mercado Apráksin, a palavra ‘niilista’ fora adotada por milhares de pessoas, e a primeira exclamação que escapou dos lábios do primeiro conhecido que encontrei na avenida Névski foi: ‘Veja o que seus niilistas estão fazendo! Estão pondo fogo em Petersburgo!’<sup>6</sup>

Seria um equívoco pensar que o termo niilismo é originário de *Pais e filhos*; antes, o serviço prestado por Turguêniev foi mais propriamente o de popularizar o termo do que inventá-lo<sup>7</sup>. Por outro lado, não se trata apenas de um romance famoso que por conta disso disseminou um termo, mas do uso e da conceituação dele no interior do romance. É interessante notar na citação acima que o conhecido de Turguêniev se refira aos niilistas como “seus”, e esse é um dos motivos da polêmica em torno de *Pais e filhos*, que pode ser lido tanto como um libelo ou resposta à nova geração (Tchernichévski e Dobroliúbov) quanto uma apologia dessa mesma geração.

*Pais e filhos* aborda o retorno de Arcádio à casa de seu pai, Nicolau Pietróvitch Kirsánov, um proprietário russo da velha geração que se vê às voltas com o problema de administrar as suas terras após a libertação dos servos. Arcádio é acompanhado por Bazárov, médico e representante da nova geração niilista que não tarda a entrar em choque com a “velha” geração, isto é, com Nicolau e seu irmão Páviel. É justamente nas discussões entre essas gerações que se dá o contexto do aparecimento do significado do niilismo. Num diálogo entre Arcádio,

---

6) TURGUENEV, I. S. *Literary reminiscences*, trans. David Magarshack. New York, 1958, p. 194, apud FRANK, J. *Dostoiévski: os efeitos da libertação* (1860-1865). São Paulo: Edusp, 2002, p. 235.

7) Sobre os significados do niilismo, conferir a obra de Franco Volpi intitulada *O niilismo*, São Paulo: Ed. Loyola, 1999. Em relação à popularização por Turguêniev, ver cap. 2, pp. 11-14.

Nicolau e Pável a respeito de Bazárov, o primeiro responde:

- Quem é Bazárov? - perguntou sorrindo Arcádio. - Quer, meu tio, que lhe diga quem é de fato?
- [Pável]: - Faça-me o favor, meu caro sobrinho.
- [Arcádio]: - Ele é niilista.
- Como? - perguntou Nicolau Pietróvitch, enquanto Pável Pietróvitch erguia a faca com um pouco de manteiga na ponta.
- Ele é niilista - repetiu Arcádio.
- Niilista - disse Nicolau Pietróvitch - vem do latim, '*nihil*', e significa 'nada', segundo eu sei. Quer dizer que essa palavra se refere ao homem que ... em nada crê ou nada reconhece?
- Pode dizer: o homem que nada respeita - explicou Pável Pietróvitch, voltando novamente sua atenção para a manteiga.
- Aquele que tudo examina do ponto de vista crítico - sugeriu Arcádio.
- Não é a mesma coisa? - perguntou Pável Pietróvitch.
- [Arcádio]: - Não, não é o mesmo. O niilista é o homem que não se curva perante nenhuma autoridade e que não admite como artigo de fé nenhum princípio, por maior respeito que mereça...
- E isso está bem? - interrompeu Pável Pietróvitch.
- [Arcádio]: - Depende, tio. Para alguns está bem e para outros não.
- [Pável]: - Vejo que essa doutrina não se refere a nós. Somos homens do século passado e supomos que (...), sem os princípios transformados, como você disse, em artigos de fé, não é possível dar um passo, nem mesmo respirar. (...) Ser-nos-á muito agradável apreciar a sua obra, senhores ... como se chamam mesmo?
- Niilistas - pronunciou claramente Arcádio.
- [Pável]: - Bem. Antes havia hegelistas, hoje há niilistas. Veremos como poderão viver no vácuo, no espaço sem ar. (...)<sup>8</sup>

Turguêniev trabalha com as várias associações do termo niilismo. Na sugestão de Nicolau, a partir de uma análise intuitiva do radical *nihil*, o niilismo consistiria na atitude de negação total, o que o aproximaria de um certo ceticismo na definição de um homem que não crê em nada e, por conseqüência, não reconhece nada. Pável retifica essa definição eminentemente epistemológica (crer, reconhecer) para uma definição hierárquica-moral: trata-se da ausência de respeito e de obediência a princípios. Arcádio não aceita nenhuma dessas definições e apresenta uma provisória baseada no exame crítico. Essa definição, por demais ampla, é insuficiente para caracterizar um niilista, o que leva Arcádio a esclarecer melhor a sua posição em relação a Pável: não se trata primariamente de respeito, e sim de uma insubmissão a qualquer autoridade - nesse sentido, a questão do respeito é secundária na avaliação do niilista, pois mesmo algo que mereça ser considerado com respeito deve ser avaliado criticamente. A divergência entre Arcádio e Pável culmina então na distinção entre o respeito a princípios e a negação dos princípios em geral.

A obra mostra a ruptura entre as gerações, a aparente impossibilidade de uma comunidade em que ambos possam conviver, a própria divergência entre seus

---

8) TURGUÊNIEV, I. *Pais e filhos*. São Paulo: Abril cultural, 1981, pp. 22-23.

gostos, suas preferências, seus valores e sua educação. Um dos pontos peculiares no trato de Turguêniev do tema do niilismo é o fato de perceber a ambigüidade da atitude negadora que deveria ser radical para se associar a um “princípio”: o da utilidade. Anteriormente, demonstrou-se que a negação total significaria uma avaliação crítica de todos os princípios, o que incluiria a utilidade. Mas, como veremos adiante, é a negação que deve se subordinar à utilidade. Assim, Bazárov afirma que a natureza “não é um templo e sim uma oficina em que o homem trabalha” e que “um bom químico é vinte vezes mais útil que qualquer poeta”<sup>9</sup>. Como se demonstrará a seguir, a caracterização do niilismo por parte de Dostoiévski será muito mais refinada do que a apresentada por Turguêniev, no sentido em que esse primeiro niilismo ainda está preso às figuras factuais de Tchernichévski e Dobroliúbov, que mesclavam uma atitude de negação com a crença no progresso científico e na utilidade. Por contraposição à geração anterior, romântica por excelência, a geração nova toma, por ponto de partida, a ciência como instrumento de desenvolvimento humano. Assim, a natureza deveria perder o seu caráter místico ou poético para ser decifrado unicamente em termos de utilidade (oficina em que homem trabalha). A figura do artista e do poeta seria qualificada como *supérflua* diante da atitude do homem novo. É preciso notar que Turguêniev mostra justamente a ambigüidade do posicionamento do niilismo defendido por Tchernichévski e Dobroliúbov na medida em que pretende ser uma atitude negadora, mas que, ao mesmo tempo, é negação baseada em “princípios” como utilidade e ciência. Assim, os próprios personagens niilistas, como Bazárov e seu pupilo Arcádio, são dúbios em suas defesas. Quando indagado se acreditava somente na ciência, Bazárov responde: “já lhe disse que não acredito em coisa alguma”<sup>10</sup>.

A posição niilista é finalmente defendida por Bazárov num dos momentos de grande confronto entre os personagens. Reproduzimos parte dessa discussão iniciando pela fala de Páviel:

[Páviel]: – (...) com *isso*, caríssimo senhor, quero demonstrar que, sem a noção da sua própria dignidade, sem o respeito de si mesmo – num aristocrata esses sentimentos estão particularmente evoluídos –, não existe nenhuma base sólida do *bien public* ou do edifício social. O mais importante, caro senhor, é a personalidade. A personalidade humana deve ser resistente como rochedo, porque sobre ela tudo se constrói. Sei perfeitamente, por exemplo, que o senhor julga ridículos ou contraproducentes meus hábitos, meu vestuário e minha decência, afinal. Tudo decorre dos sentimentos de respeito próprio, do sentimento do dever, sim, do dever. Vivo no campo, no sertão, mas não me abastardo. Respeito em mim um homem.

– Perdoe-me, Páviel Pietróvitch – disse Bazárov. – O senhor respeita a sua personalidade e está aqui sem fazer coisa alguma. Que utilidade advém para o *bien public*? Seria melhor que não se respeitasse e fizesse alguma coisa de proveitoso.

Páviel Pietróvitch empalideceu. (...)

[Páviel]: – Não o compreendo. O senhor ofende o povo russo. Não sei como

---

9) Ibid., pp. 41 e 25, respectivamente.

10) Ibid., p. 26.

é possível negar os princípios, as normas. Em que se baseia o senhor para se expressar assim?

– Já lhe disse, meu tio, que *nós* não reconhecemos as autoridades – interveio Arcádio.

– Nós agimos baseados na força do que reconhecemos útil – disse Bazárov.

– Na época atual o mais útil é negar. Por isso negamos.

– Tudo?

– Tudo.

– Como? Não só a arte, a poesia ... mas ... é pavoroso dizê-lo...

– Tudo – com estupenda calma, repetiu Bazárov. (...)

– Vamos devagar – disse Nicolau Pietróvitch. – Vocês negam tudo, ou, por outra, destroem tudo... É necessário também construir.

– Não nos compete. Primeiramente é preciso desimpedir o lugar. (...)

[Bazárov]: – (...) Vimos que os nossos intelectuais ou os homens da vanguarda, acusadores ou caluniadores, não servem para coisa alguma, que nos ocupamos de parvoíces, discutimos sobre uma certa arte, a criação inconsciente, o parlamentarismo, a justiça e tanta coisa inútil, quando o problema consiste no pão de cada dia, quando uma superstição brutal nos sufoca, quando todas as nossas sociedades comerciais ou industriais por ações reventam, porque faltam homens honestos, quando a própria liberdade, que tanto preocupa o governo, dificilmente nos será proveitosa, porque o nosso mujique é capaz de roubar a si mesmo só para se embriagar na taberna.

– Bem – interrompeu Páviel Pietróvitch –, concordo provisoriamente. Convenceu-se de tudo isso e resolveu não se ocupar seriamente de coisa alguma.

– Resolvemos realmente não nos preocupar com coisa alguma – repetiu em tom lúgubre Bazárov. Invadia-o uma raiva de si mesmo pelo fato de ter-se expandido tanto com aquele aristocrata.

– E somente ofender tudo e a todos? – continuou o aristocrata.

– Ofender também.

– É o niilismo?

– É o niilismo – repetiu Bazárov com ar de desafio.

Páviel Pietróvitch fechou de leve os seus olhos.

– Agora compreendo! – disse com voz esquisitamente calma. – O niilismo deve auxiliar-nos em todas as desgraças. Os senhores são nossos salvadores e heróis. Sim. Porque nesse caso acusam os próprios acusadores. Não vivem de palavras vãs como os demais.

– Podemos ter outros pecados, menos esse – disse Bazárov.

– Como? Os senhores agem? Pretendem agir?

Bazárov nada respondeu; Páviel Pietróvitch teve um estremecimento e logo reconquistou o domínio de si mesmo.

[Páviel]: – Sim... agir, destruir – continuou. – Destroem sem saber para quê?

– Destruímos, porque somos uma força – explicou Arcádio.

Páviel Pietróvitch olhou para seu sobrinho e sorriu.

– Sim, somos uma força que age livremente – insistiu Arcádio com veemência.<sup>11</sup>

O debate entre os personagens inicia a partir do assombro de Páviel da possibilidade de uma vida sem princípios. Justamente, esses princípios é que constituem a atitude cavalheiresca, a personalidade aristocrática (descrita pejorativamente por Bazárov como aristocratóide) e toda a possibilidade do dever. É o respeito a tais princípios que levaria o homem aristocrata a se diferenciar dos outros;

---

11) Ibid., pp. 45-49.

nele o respeito de si mesmo, os hábitos, a dignidade, a decência e o dever estariam suficientemente evoluídos, sem esses princípios não haveria moralidade possível. Bazárov ridiculariza a atitude aristocrática criticando a sua ineficácia prática – a atitude niilista consiste em negar tudo, inclusive os princípios e as normas que seriam o sustentáculo da atitude da velha geração. Os homens novos não reconhecem autoridades; não se trata de construir a partir de princípios, mas de desimpedir por meio da destruição. Por isso, não se trata de pregar algo, de defender doutrinas, mas apenas, do ponto de vista da utilidade – do “pão de cada dia”, de agir, ofender, negar e destruir, de modo que os impasses criados pelos princípios da velha geração entrem em colapso. Para isso, o homem novo não é formado a partir da educação aristocrática, mas descende de uma outra linhagem. Sobre isso, Turguêniev consolida o ideário niilista a partir de uma expressão que se tornaria bastante famosa; o niilista é descrito agora como aquele que possui “um orgulho quase satânico”<sup>12</sup>. Essa expressão atinge o cerne do niilismo: é necessário um orgulho satânico para afrontar o seu criador de modo a romper com o estado de coisas criado, para que ele mesmo possa criar. A negação radical nada mais é do que a busca de um começo radical, um outro caminho a partir de si mesmo.

A polêmica em torno da obra de Turguêniev se deve à sua caracterização artística do niilismo. Não é exatamente uma defesa da antiga geração frente aos niilistas, assim como não é uma apologia do niilismo. Bazárov segue um caminho próprio de modo que tanto as suas características positivas frente à geração antiga, quanto a sua impotência frente à vida, análoga à impotência da ciência frente a sentimentos contra os quais o personagem procura abafar são retratados<sup>13</sup>. Essa ambigüidade quanto à caracterização de Bazárov levou a várias interpretações que não raramente eram opostas.

Tchernichévski escreveria posteriormente, em 1863, a sua versão de *Pais e filhos* intitulada *O que fazer?*, já que, para ele, Turguêniev teria denegrido as “pessoas novas” ao representá-las na figura fraca de Bazárov. Sendo um dos livros mais subversivos da história (conta-se que foi lido cerca de 20 vezes num verão por Lênin), foi escrito com o autor na prisão e o censor, após verificar que não havia nada de político na obra, liberou a sua publicação<sup>14</sup>. Por outro lado, além da leitura de Tchernichévski, houve também entre os radicais, a recepção de Píssarev, que elogia *Pais e filhos*. Píssarev, que era tido como uma radicalização da atitude proposta por Tchernichévski e Dobroliúbov, escreve:

Se a autoridade for enganadora, a dúvida irá destruí-la, e é bom que seja assim; se for necessária e útil, então a dúvida irá revirá-la, examiná-la de todos os ângulos e colocá-la de volta no lugar. Numa palavra, eis o ultimato de nosso

---

12) Ibid., p. 50.

13) Interessante a caracterização científica oferecida por Bazárov sobre o amor: “que relações misteriosas são essas entre o homem e a mulher? Nós, fisiologistas, conhecemo-las muito bem. Estude um pouco a anatomia do globo ocular: encontrará ali algo que signifique um olhar enigmático? Tudo não passa de romantismo, fantasia, podridão, artifício”. Com o desenrolar dos acontecimentos, a ciência em que Bazárov se apóia revelar-se-ia como insuficiente. Ibid., p. 32.

14) Cf. FRANK, J. *Os efeitos da libertação* (1860-1865), cap. 19.



campo: o que pode ser quebrado deve ser quebrado; o que resiste ao golpe merece ser mantido, o que voa em pedaços é lixo; em qualquer caso, bata à direita e à esquerda, nenhum dano pode vir disso e nenhum dano virá.<sup>15</sup>

Ao caracterizar Bazárov como um indivíduo dotado de um orgulho satânico, Turguêniev abriu o caminho para aquilo que Dostoiévski denominou de “cisma entre os niilistas”. Se o niilismo de Tchernichévski era baseado em Fourier e tinha na utilidade social o cerne das ações negadoras, o niilismo propagado por Píssarev tinha como tônica uma radicalização negadora que não estava mais res-trito necessariamente às questões sociais. Assim, Píssarev elogia Turguêniev por ter conseguido elevar o indivíduo ao status de obra artística, não um indivíduo qualquer em relação ao povo, mas em relação aos outros membros da classe instruída<sup>16</sup>. Assim, o artigo de Píssarev é responsável pela distinção entre os homens ordinários e extraordinários, os primeiros representados pela grande massa e também pela nobreza e pela aristocracia que se julga superior, enquanto os segundos seriam efetivamente superiores, pelo seu orgulho satânico negador.

Além dessas recepções, dentre as várias que se referiram a *Pais e filhos*, é preciso analisar a de Dostoiévski. Certa vez, Turguêniev afirmara: “até o momento somente duas pessoas compreenderam totalmente Bazárov, isto é, entenderam minha intenção: Dostoiévski e Bótkin”<sup>17</sup>. A carta original de Dostoiévski que resultou em tal reação se perdeu, mas pode-se ter uma idéia bastante razoável a partir do tratamento que este deu sobre o assunto nos seus romances e do artigo de Strákhov sobre *Pais e filhos*. Dostoiévski incubira a Strákhov a resenha da referida obra para a sua revista *O tempo*, da qual era editor. Para Frank, a análise de Strákhov “transmite sem dúvida boa parte das idéias de Dostoiévski”<sup>18</sup> pois se concentra, ao contrário das recepções acima citadas, no desacordo entre a vida e o pensamento. E continua Frank:

É esse desacordo que Turguêniev dramatiza, e é aqui, mais do que no conflito de gerações, que se pode localizar a suprema lição moral do livro. Bazárov, como disse Píssarev com razão, é manifestamente superior como indivíduo a todas as outras pessoas do livro, inclusive aos pais. Mas fica claro que não é superior às forças da vida que essas pessoas encarnam, não importa de que forma mesquinha; não é superior às forças que luta inutilmente para reprimir em si mesmo porque não se coadunam com a teoria sobre a vida que adota. Bazárov não concorda que se reaja aos afagos da natureza, e Turguêniev pinta a natureza em toda a sua beleza; Bazárov não dá valor à amizade nem ao amor romântico, e Turguêniev mostra como ambos são reais em seu coração; Bazárov rejeita o sentimento de família, e Turguêniev retrata o amor egoísta, angustiado de seus pais senis; Bazárov zomba do apelo da arte, e Turguêniev delinea-o com todos os recursos de um grande talento poético.<sup>19</sup>

---

15) PÍSSAREV, D. I., *Sotchiniênia*, Moscou, 1955, 4 vols.; vol. 1, p. 135, apud FRANK, J., *Os efeitos da libertação*, pp. 249-250.

16) FRANK, J. *Os efeitos da libertação*, p. 251.

17) TURGUIÊNEV, I., *Pisma*, vol. 4, p. 381, apud FRANK, J., *Os efeitos da libertação*, p. 254.

18) FRANK, J. *Os efeitos da libertação*, p. 255.

19) *Ibid.*, p. 255. Mantivemos Turguêniev ao invés de Turguiênev como consta no original.

O retrato de Bazárov como figura trágica foi sem sombra de dúvida o toque de mestre de Turguêniev sobre o assunto. Esse caráter trágico, que pode ser encontrado em abundância em dúzias de personagens de Dostoiévski, está relacionado aos temas centrais de toda a obra posterior de Dostoiévski: o niilismo, o positivismo (cientificismo), o papel da arte, a distinção entre os homens ordinários e extraordinários, o ateísmo e o auto-fundamento.

## **2 CRIME E CASTIGO, OS DEMÔNIOS E A QUESTÃO DO NILISMO**

Não seria exagero afirmar que todas as grandes obras escritas por Dostoiévski após a sua libertação da prisão abordam a questão do niilismo. É possível, entretanto, distinguir a forma como o niilismo aparece em *Memórias do subsolo* de seus clássicos posteriores. O niilismo retratado nas *Memórias* está muito mais relacionado à perspectiva defendida por Tchernichévski que acreditava no potencial da ciência como móbil de transformação social. Dostoiévski critica Fourier e, por conseqüência, o niilismo propagado por Tchernichévski, por excluir a liberdade humana e a imprevisibilidade no determinismo resultante de sua sociologia supostamente “científica”. Para Dostoiévski, nem a razão, nem a utilidade, poderiam servir de guias únicos para a vida, pois ambos, quando levados ao seu limite, impossibilitam a própria vida. Nesse sentido, o homem do subterrâneo caracteriza-se pela revolta contra a deificação da razão e da ciência, e nega o determinismo de uma sociedade racionalmente e cientificamente organizada, tal como aquela proposta por Fourier em que o homem seria um componente de uma grande máquina política, ou mais exatamente, uma tecla de um piano. Na concepção científica de Fourier, as ações humanas poderiam ser calculadas, previstas e organizadas em prol do “bem comum”. Contudo, há ainda a questão da liberdade humana: “mesmo que ele realmente mostrasse ser uma tecla de piano, mesmo que isto lhe fosse demonstrado, por meio das ciências naturais e da matemática, ainda assim ele não se tornaria razoável e cometeria intencionalmente alguma inconveniência, apenas por ingratidão e justamente para insistir na sua posição”<sup>20</sup>. Dostoiévski procura mostrar que essa primeira variação do niilismo, assentada no positivismo e no socialismo de Fourier, toma o homem como um mero dado, cujas ações podem ser calculadas da mesma forma que vetores físicos, e peca justamente por não conseguir abranger o aspecto fortuito da existência humana, que se dá por meio da sua liberdade. Trata-se, sobretudo, de reafirmar a realidade humana: “toda a obra humana realmente consiste apenas em que o homem, a cada momento, demonstre a si mesmo que é um homem e não uma tecla!”<sup>21</sup>.

Em *Crime e castigo* começa, do nosso ponto de vista, uma mudança na forma de abordar o niilismo. Pode-se dizer que o foco de Dostoiévski não está mais na discussão com Tchernichévski ou com os modelos reais do niilismo, e sim no aprofundamento das conseqüências limites da atitude niilista, do que

---

20) DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 44.

21) *Ibid.*, p. 44.

pode resultar de um “orgulho satânico” que “não acredita em coisa alguma”. Inclusive, o próprio tema de *Crime e castigo* surge da separação entre homens ordinários e extraordinários, aqueles se referindo à grande massa indistinta, estes caracterizando Bazárov e todos os indivíduos altivos. Como um indivíduo extraordinário poderia passar por cima de todas as convenções a partir de sua magnanimidade – toma-se como exemplo Napoleão –, o personagem Raskólnikov pratica um crime com o pretexto de utilidade (livrar a sociedade de uma velha usurária) e para testar-se como homem extraordinário.

Além da já citada *Pais e filhos* de Turguêniev e do artigo de Píssarev, outras fontes ainda poderiam ser mencionadas como matéria-prima de *Crime e castigo*. Schiller e Byron com seus heróis solitários e altivos, Balzac com uma temática próxima em *Lê Père Goriot* – o utilitarismo presente na hipótese de recompensa em um milhão de francos e a possibilidade de resolução de seus problemas financeiros imediatos, pela morte de um decrépito mandarim na China, e Puchkin, cujo personagem central é descrito como alguém com o perfil de Napoleão e alma de Mefistófeles. Na verdade, em *Crime e castigo*, a discussão sobre Napoleão acaba ocupando lugar de destaque na organicidade do texto. O próprio sobrinho de Napoleão, Napoleão III, havia escrito uma biografia bastante discutida em 1865 sobre Júlio César, que afirmava que grandes indivíduos da história universal deveriam ter o direito de realizarem sua tarefa de transformar o mundo sem serem limitados por padrões convencionais. Sobre essa biografia, Knapp diz: “chamando atenção para a habilidade dos gênios de sobreviver à destruição, ele [Napoleão III] disse que a Providência faz uso do homem extraordinário para realizar em poucos anos o trabalho de séculos”<sup>22</sup>. Trata-se da temática dos “direitos dos gênios”, isto é, da inevitabilidade do fato de que o gênio, para constituir-se enquanto gênio, precisa romper com normas pré-estabelecidas.

Na verdade, essa razão não é única e precisa ser mais bem precisada em suas nuances. Pode-se elencar, como S. M. Knapp o fez, seis versões que descrevem o homem extraordinário:

1. O homem extraordinário pode tudo o que seu grande coração deseja.
2. O homem extraordinário está limitado e obrigado, por sua natureza, a cometer crimes.
3. O homem extraordinário pode cometer crimes somente para a realização de suas idéias.
4. O homem extraordinário pode cometer crimes somente por razões altruístas.
5. O homem extraordinário pode cometer um crime, como primeiro passo, para começar sua carreira, para que ele possa futuramente realizar suas idéias.
6. O homem extraordinário pode cometer um único crime altruísta.<sup>23</sup>

Esses seis aspectos se confundem no desenrolar do romance, de modo que Raskólnikov explica seus atos de forma diversa a partir de cada circunstância.

---

22) KNAPP, Shoshana M. “The Dynamics of the Idea of Napoleon in *Crime and Punishment*”. In: UGRINSKY, A.; LAMBASA, F. S.; OZOLINS, V. K.; *Dostoevski and the human condition after a century*. Connecticut: Hofstra University, 1986, p. 32.

23) KNAPP, S. M., p. 31.

Qualquer uma das seis versões diz respeito unicamente ao homem extraordinário, e jamais ao homem ordinário. Dostoiévski procura explorar a lógica interna das justificativas pelas quais alguém adquiriria consciência de sua magnanimidade, ou da sua falha ao se perceber como pertencente à grande massa dos ordinários.

A versão 1 aparece enunciada na provocação do investigador Porfiri Pietróvitch sobre o artigo que Raskólnikov escrevera anos antes: “há certa insinuação ao fato de que existiriam no mundo certas pessoas que podem... ou seja, não é que podem mas têm o pleno direito de cometer toda sorte de desmandos e crimes, como se a lei não houvesse sido escrita para eles”<sup>24</sup>. Percebendo a armadilha lançada pelo interrogador, Raskólnikov reformula a sua tese explicando que o homem extraordinário não pode fazer ou devam fazer toda sorte de desmandos, e vincula o direito deste à exigência da execução de uma idéia superior. Nesse contexto, Raskólnikov afirma que se as descobertas de Newton ou Kepler só pudessem chegar ao conhecimento do restante da humanidade por meio do sacrifício de dez, cem ou mais homens, “Newton teria o direito, e estaria inclusive obrigado, a ... *eliminar* esses dez ou cem homens para levar suas descobertas ao conhecimento de toda a humanidade”<sup>25</sup>. No refinamento de sua tese ao discutir com Porfiri, Raskólnikov transita entre as versões 2, 3, 4 e 5. A versão 6 é apresentada por Svidrigáilov posteriormente.

Raskólnikov apresenta duas concepções sobre o indivíduo extraordinário: a primeira é a de que todo criador é, ao mesmo tempo, destruidor; a segunda, que por uma necessidade intrínseca, são freqüentemente assassinos. Ele afirma: “Licurgos, Sólon, Maomé, Napoleões etc., todos eles, sem exceção, foram criminosos já pelo simples fato de que, tendo produzido a nova lei, como isso violaram a lei antiga que a sociedade venerava como sagrada e vinha dos ancestrais, e aí, evidentemente, já não se detiveram nem diante do derramamento de sangue, caso esse sangue (às vezes completamente inocente e derramado de forma heróica em defesa da lei antiga) pudesse ajudá-los”<sup>26</sup>. Esses indivíduos que trazem a “*palavra nova*” e seus crimes normalmente são justificados em torno do motivo da “destruição do presente em nome de algo melhor”<sup>27</sup>. A grande massa, os homens ordinários, são conservadores; tendem a ser obedientes pela sua própria natureza, gostam de ser corretos e realizam-se na obediência ao estabelecido.

Por oposição à atitude ruminante do ordinário, o criador, o homem extraordinário, teria, na lógica argumentativa de Raskólnikov, “direito ao crime” – contanto que estivesse em conformidade com a idéia (a palavra nova para o restante da humanidade). Mas ele se apressa em tranquilizar o investigador: “aliás não há motivo para muita inquietação: a massa quase nunca lhes reconhece esse direito, ela os justiça e enforca (mais ou menos) e assim, de forma absolutamente justa, compre o seu destino conservador para, não obstante, nas gerações seguintes, essa mesma massa colocar os mesmos executados no pedestal e reve-

---

24) DOSTOIÉVSKI, F. *Crime e castigo*. Ed. 34, 2001, p. 268.

25) *Ibid.*, p. 269.

26) *Ibid.*, p. 269.

27) *Ibid.*, p. 270.

reenciá-los (mais ou menos)”<sup>28</sup>. Entretanto, Raskólnikov tem momentos de dúvida em relação à sua condição, e enuncia o grande abismo que há entre o extraordinário e o ordinário, situando-se ele mesmo, nesse momentos de crise, no segundo grupo: “não, aqueles homens não foram feitos assim; o verdadeiro *sobereano*, a quem tudo é permitido, esmaga Toulon, faz uma carnificina em Paris, *esquece* um exército no Egito, *sacrifica* meio milhão de homens na campanha da Rússia e se safa com um calembur em Vilna; e ao morrer é transformado em ídolo – logo, *tudo* lhe é permitido. Não, pelo visto esses homens não são de carne, são de bronze!”<sup>29</sup>. Distanciando-se na imagem inicial do niilismo, o niilista apresentado por Dostoiévski em *Crime e castigo* é uma radicalização da tese de *Pais e filhos* de tudo negar. O indivíduo capaz disso, agora descrito quase sempre sem o apelo positivista, é um sobre-humano, o extraordinário que passa por cima das convenções e pretende subverter a ordem, seja ela social ou metafísica.

O tema do niilismo reaparece com outros matizes em *O idiota*, principalmente a partir do personagem Hyppolit, que faz parte de um grupo de niilistas, todos eles bastante jovens. Restando pouco tempo de vida, ele escreve uma carta testamento que é lida em público:

Não reconheço juízes acima de mim e sei que neste momento estou fora do alcance de qualquer poder jurídico. Bem recentemente me fez rir uma suposição: se de repente me desse na telha matar agora quem eu quisesse, mesmo que fossem umas dez pessoas de uma vez, ou fazer alguma coisa a mais terrível, daquelas que se consideram as mais terríveis na face da terra, quão embaraçosa seria a situação do tribunal diante de mim com as minhas duas ou três semanas de vida e tendo ele de abolir as torturas e suplícios?<sup>30</sup>

De fato, o argumento de Hyppolit nada mais é do que o desdobramento da atitude desafiadora de Bazárov que se baseia unicamente em si mesmo como critério de ação, desconsiderando qualquer norma ou princípio externo como válido. A sua carta termina com o anúncio de um suicídio, tema que reaparecia em seguida em *Os demônios*. De todo modo, a associação entre niilismo e suicídio parece denotar que, para Dostoiévski, a negação extrema acaba levando à negação da própria vida. Kiríllov representa essa faceta metafísica do niilismo em *Os demônios*: por uma dialética própria esse personagem procura se tornar o “homem-Deus” por meio do suicídio.

Na obra *Os demônios*, Dostoiévski parte de um fato verídico para problematizar os seus diversos aspectos. Também nessa obra o tema do niilismo se apresenta e, talvez, de modo mais contundente que nas outras obras, pelo menos no que diz respeito à sua origem factual. O episódio verídico é o assassinato do estudante I. I. Ivánov pelo grupo niilista encabeçado por S. G. Netcháiev em 1869<sup>31</sup>,

---

28) Ibid., p. 270.

29) Ibid., p. 284.

30) DOSTOIÉVSKI, F. *O idiota*. São Paulo: Ed. 34, 2002. p. 462.

31) Como George Steiner bem chama a atenção, a idéia de *Os demônios* já havia sido esboçada a partir de outro crime político: a tentativa de assassinato do Czar em abril de 1866. De qualquer modo, tanto Steiner quanto Frank são unânimes em afirmar que Dostoiévski percebia que já havia previsto isso em *Crime e castigo*. Diz

no romance Chátov assassinado pelo grupo de Piotr Stiepánovitch. Embora haja a referência ao episódio, é preciso atentar que *Os demônios* é o resultado de várias idéias e de projetos já em andamento, dentre eles as obras *A vida de um grande pecador*, *Morte de um poeta* e *Ateísmo*. As notas dessas obras mostram que várias das temáticas encontradas em *Os demônios* já existiam para o autor, de modo que o assassinato de Ivánov foi, ao mesmo tempo, encaixado num rascunho pré-existente e transfigurado para algo novo.

Dostoiévski acompanhou com extrema atenção a investigação e recolheu todas as informações possíveis sobre o caso. Já antes do assassinato, Netcháiev era detentor de uma certa fama, a partir de sua liderança sobre a juventude, pela produção e distribuição de panfletos convocando os estudantes à revolta, pela lenda sobre a sua prisão na fortaleza *Pedro e Paulo* (a mesma onde Dostoiévski também já permaneceu preso) e do feito inédito de sua fuga. É preciso notar que ele jamais havia sido preso nessa fortaleza e, evidentemente, jamais fugiu dela, tratando-se apenas de uma lenda criada para si mesmo com o objetivo de causar impressão e de aumentar o poder revolucionário pela autopromoção da imagem. Netcháiev uniu-se a M. A. Bakúnin e N. P. Ogariov que o ajudaram na sua campanha de propaganda. Ele foi responsável por disseminar o terror como meio revolucionário, organizando células revolucionárias que serviriam à causa. A obra *Catecismo de um revolucionário* é creditada tanto a Netcháiev quanto a Bakúnin, embora boa parte dos biógrafos assinale que a obra deva ser referida apenas às idéias de Netcháiev, como, por exemplo, Caio Túlio V. Costa, que afirma: “os dois, Bakúnin e Netcháiev, escreveram vários opúsculos, ou melhor, Netcháiev escreveu e assinou com o prestigioso nome de Bakúnin. Entre os escritos que levam as duas assinaturas estão o *Catecismo do revolucionário* e *Princípios da revolução*. Neles podem-se encontrar coisas como ‘não reconhecemos outra atividade que a ação de extermínio, admitimos que esta atividade pode manifestar-se de muitas formas: o veneno, o punhal, a corda etc. Numa contenda como a nossa a revolução santifica este gênero de procedimento’<sup>32</sup>. Assim, em nome da revolução, Netcháiev levava à máxima potência o lema niilista da destruição.

Em *Os demônios*, Netcháiev torna-se Piotr Stiepánovitch, personagem ardidoso e manipulador que orbita em torno de Stavróguin; ambos são niilistas, embora com matizes diversos. Piotr é filho de Stepan Trofímovitch, velho que encarna os ideais românticos dos anos 1840, ocidentalista e poeta. Apresentado

---

Steiner: “mais uma vez ele experimentava a estranha sensação de ter previsto o crime, de ter antecipado, através da intuição e devido a sua filosofia política, a progressão necessária que vai do niilismo ao assassinato”, STEINER, G., *Dostoiévski ou Tolstoi*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 107. Já Frank afirma: “diariamente, ele lia com atenção a onda de boatos e de especulações, e os poucos fragmentos do fato nu e cru que apareciam nas várias reportagens da imprensa; e deve ter mergulhado nessas páginas com um misto de fúria e contínuo desespero. Afinal de contas, não tinha ele, quando criou Raskólnikov, praticamente previsto esse resultado das idéias radicais? Netcháiev e seu grupo tinham apenas tirado as conclusões e cometido as ações que, em *Crime e Castigo*, Dostoiévski tinha apenas imaginado como possibilidades extremas e ‘fantásticas’”, *Dostoiévski: os anos milagrosos*, p. 524.

32) COSTA, C. T. V. *O que é anarquismo*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 48. Modificamos a grafia do original, onde consta Nechaev.

como membro articulador das células revolucionárias, Piotr encarna todos as recomendações de Netcháiev nos seus escritos. No item II dos “Deveres do revolucionário para com ele próprio” do *Catecismo de um revolucionário*, lê-se: “no mais profundo do seu ser, e não somente em palavras, mas também em atos, [o revolucionário] quebrou todo o laço com a ordem burguesa e o conjunto do mundo civilizado, assim como com as leis, as tradições, a moral e os costumes que têm lugar nesta sociedade. É o inimigo implacável desta sociedade, e, se aí continua a viver, é unicamente para melhor destruir”<sup>33</sup>.

Piotr infiltra-se na sociedade com o propósito de desestabilizá-la e destruí-la. Não à toa ele passa a conviver diariamente com a nova governadora da província, Yúlia Mikháilovna, e seu esposo, von Lembke. A idéia de destruição é a

---

33) NETCHAIEV, S. Catecismo revolucionário. Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/04/253458.shtml>, acessado em 19/11/2007, às 23hs. Para uma melhor caracterização da revolução como destruição, objetivo encarnado por Piotr em *Os demônios*, leia os seguintes trechos do *Catecismo*:

II - Um revolucionário despreza toda a teoria; renuncia à ciência atual e abandona-a para as gerações vindouras. Não conhece senão uma só ciência: a da destruição. É para este fim, e só para este fim, que estuda a mecânica, a física a química e, se a ocasião se apresentar, a medicina. É no mesmo propósito que se dedica, dia e noite, ao estudo das ciências da vida: os homens, os seus caracteres, as suas relações entre eles, assim como as condições que regem em todos os domínios a ordem social atual. O objetivo é sempre o mesmo: destruir o mais rapidamente e o mais seguramente possível esta ignomínia que é a ordem universal.

VI - É necessário que o revolucionário, duro para com ele próprio, o seja também para os outros. Todas as simpatias, todos os sentimentos que poderiam emocioná-lo e que nascem da família, da amizade, do amor ou do reconhecimento, devem ser sufocados nele pela única e fria paixão da obra revolucionária. Para ele não existe mais que um prazer, que uma consolação, que uma recompensa, que uma satisfação: o sucesso da Revolução. Não deve haver, dia e noite, mais que um pensamento e um objetivo: a destruição inexorável. E prosseguindo com sangue frio e sem descanso a realização deste plano, deve estar pronto a morrer, mas pronto a matar com as suas próprias mãos todos aqueles que se opõem à sua realização.

VII - A natureza do verdadeiro revolucionário exclui todo o romantismo, toda a sensibilidade, todo o entusiasmo, todo o impulso. Exclui também todo o sentimento de ódio ou de vinganças pessoais. A paixão revolucionária, tomada nele um hábito constante e quotidiano, deve unir-se ao cálculo frio. Por toda a parte e sempre é necessário obedecer-lhe, não aos seus impulsos pessoais, mas ao que exige o interesse geral da Revolução.

XII - A associação não tem outro objetivo que a emancipação total e a felicidade do povo, quer dizer, da parte da humanidade constringida a trabalhos duros. Mas, persuadido que esta emancipação e esta felicidade não podem ser atingidas senão através de uma revolução popular que destruirá toda a sociedade, a associação colocará tudo em curso para aumentar e multiplicar os males e os sofrimentos que encolerizarão a paciência do povo e desencadearão a sua revolta massiva.

XXIII - Pelo nome de “Revolução Popular” a nossa sociedade não entende um movimento de tipo clássico ocidental, que não atinge em nenhum caso nem propriedade privada, nem a ordem social transmitida pela dita civilização e a pretensa moralidade, e que se limitou até agora a suprimir um sistema político para o substituir por um outro e fundar um Estado dito revolucionário. Só pode trazer a salvação ao povo uma revolução que condene absolutamente toda a idéia de Estado [e] perturbe completamente na Rússia as tradições, as instituições e as classes sociais do Estado.

XXIV - Neste objetivo a Associação não tem de modo algum a intenção de impor ao povo qualquer organização vinda de cima. A futura organização sairá, sem dúvida, do movimento da vida popular, mas isto será obra das gerações vindouras. A nossa tarefa é de destruir, uma destruição terrível, total, implacável, universal.

XXV - Também é necessário, aproximar-nos do povo, procurar, antes de tudo, a aliança com estes elementos da vida popular, que, desde a fundação do Estado moscovita, são, sem cessar, educados contra todos os auxiliares diretos ou indiretos do Estado: nobreza, burocracia, clero, grandes e pequenos comerciantes, e numa palavra, contra todos os exploradores do povo. É necessário aliarmo-nos com o mundo dos aventureiros e dos bandidos, que são, na Rússia, os únicos verdadeiros revolucionários.

XXVI - Reunir todos estes elementos para fazer uma força única, invencível e capaz de destruir tudo: tal é a razão de ser de toda a nossa organização, de toda a nossa conspiração, de todo o nosso empreendimento.

tônica do *Catecismo* e, desse modo, qualquer atividade é apenas meio para a negação da ordem; mesmo a ciência deve ser utilizada apenas para os fins revolucionários (II). A idéia de Netcháiev é a de promover uma desordem tal, a partir da multiplicação dos “males e sofrimentos” (XII), que o povo não tenha outra alternativa que não a “revolta massiva” (XII). Para isso é necessário planejar tudo por um “cálculo frio” (VII) e executá-lo com “sangue frio” (VI) devendo ser duro com os demais em prol da “fria paixão da obra revolucionária” (VI). De modo geral, algumas dessas características podiam ser encontradas no próprio Netcháiev: “fanatismo niilista, uma total falta de compaixão e calor humano, uma amoralidade calculada, uma visão do homem e da mulher apenas como instrumentos para a causa revolucionária e inúmeras justificativas para o assassinato, o furto e a chantagem que ele mesmo praticava”<sup>34</sup>.

É certo que o personagem Piotr Stiepánovitch pouco tem a ver fisicamente com Netcháiev, mas as ações retratadas no livro são praticamente os mesmos que este praticou ou teria praticado. Os métodos revolucionários de Netcháiev são utilizados sem pudor contra todas as pessoas, inclusive contra os próprios companheiros, o que levou Bakúnin a romper com ele. Na carta a seguir – impressionante porque Dostoiévski jamais teve conhecimento dela, mas que, apesar disso, é evidente a onipresença de seus conteúdos em *Os demônios* –, Bakúnin procura alertar uma família com quem Netcháiev entrara em contato:

(...) Concluo que as duas cartas que lhe escrevi, nas quais eu o advertia e lhe pedia que não lhe desse atenção, devem ter chegado tarde demais; e, sem nenhum exagero, considero o resultado desse atraso uma verdadeira desgraça.(...)

Continua sendo verdade que N. é o homem mais perseguido pelo governo russo, que espalhou pelo continente da Europa um exame de espíões a procurá-lo por todos os países; já foi pedida sua extradição à Alemanha e à Suíça. É igualmente verdade que N. é um dos homens mais ativos e operosos que já encontrei. Quando se trata de servir ao que ele chama a causa, não hesita; nada o detém e é tão impiedoso consigo mesmo quanto com os outros. Foi essa a principal qualidade que me atraiu nele e que me compeliu a fazer uma aliança com ele por algum tempo. (...) No início ele fazia parte de um comitê secreto que realmente existia na Rússia. Esse comitê não existe mais; todos os seus membros foram detidos. N. permanece sozinho e sozinho constitui o que ele chama o Comitê.(...) Muitíssimo abalado pela catástrofe que destruiu a organização secreta na Rússia, ele se convenceu aos poucos de que, para fundar uma organização séria e indestrutível, deve-se ter como base a tática de Maquiavel e adotar inteiramente o sistema dos jesuítas – violência como corpo, falsidade como alma.

A verdade, a confiança mútua, a solidariedade séria e estrita só existem entre uma dúzia de indivíduos que formam o *sanctus sanctorum* da Sociedade. Todos os demais devem servir de instrumento cego e de material explorável nas mãos dos doze que estão realmente unidos. É permitido – até mesmo ordenado – enganar todos os demais, comprometê-los, roubá-los e mesmo, se necessário for, descartá-los – eles são forragem conspiratorial. Por exemplo: você recebeu N. graças à nossa carta de recomen-

---

34) COSTA, C. T. V., op. cit., p. 48.



dação, você o aceitou como pessoa de confiança, você o recomendou a seus amigos. (...) Aqui está ele, transplantado para o seu mundo – e o que fará primeiro? Primeiro ele lhe contará um monte de mentiras para aumentar sua simpatia e sua confiança; mas não se deterá aí. As tédidas simpatias de homens que são devotados à causa revolucionária apenas em parte e que, além dessa causa, têm outros interesses humanos como o amor, a amizade, a família, as relações sociais – essas simpatias não são, aos olhos dele, um alicerce suficiente e em nome da causa tentará obter algum controle sobre você completamente sem que você perceba. Para fazer isso, ele o espionará e tentará apoderar-se de todos os seus segredos; e, em sua ausência, sozinho em seu quarto, abrirá todas as suas gavetas e lerá a sua correspondência. Se uma carta lhe parecer interessante, isto é, comprometedor de qualquer ponto de vista que seja ou para você ou para um de seus amigos, irá roubá-la e guardá-la com muito cuidado como um documento contra você ou contra seu amigo. (...) quando, numa reunião geral, o acusamos de fazer isso, ele teve a coragem de dizer – ‘Bem, sim, esse é o sistema que usamos. Consideramos nossos inimigos todos aqueles que não estão conosco *por inteiro*, e temos o dever de enganá-los e de comprometê-los’. Isso significa todos aqueles que não estão convencidos do sistema que usam e não concordaram em aplicá-lo a si mesmos. Se você o apresentar a um amigo, sua primeira preocupação será semear a discórdia entre vocês dois através do mexerico e da intriga – numa palavra, provocar uma briga. Se seu amigo tiver uma esposa, uma filha; tentará seduzi-las, engravidá-las, a fim de afastá-las violentamente da moral oficial e lançá-las num protesto revolucionário forçado contra a sociedade. (...) Seu último projeto foi nada menos que formar um bando de bandidos e ladrões na Suíça, naturalmente com o objetivo de conseguir algum capital para a revolução.<sup>35</sup>

O fato de Dostoiévski não ter conhecimento da carta torna ainda mais assombrosa a série de coincidências: Piotr forma uma célula revolucionária supostamente filiada a uma organização revolucionária mundial; quando forçados a executar um dos membros por traição, alguns dos membros procuram debandar e são imediatamente chantageados por Piotr; o crime cometido é o laço que garante a dependência do grupo ao seu mentor; um bandido foragido (Fiédka) havia sido contatado anteriormente para outro crime; e o próprio Piotr se dissimula, se infiltra e é recebido em todos os segmentos da sociedade da província. As ações de Piotr, particularmente no que diz respeito à união dos conspiradores pelo crime, estão em total acordo com o *Catecismo de um revolucionário* e com a descrição oferecida por Bakúnin das táticas de Netcháiev; o próprio assassinato de Ivanóv nada mais é do que a comprovação de sua tática de união por meio do terror.

A tática do terror revolucionário é descrita por Liámchin, um dos niilistas:

À pergunta: por que tantos assassinatos, escândalos e torpezas? – respondeu com uma pressa exaltada que era ‘para provocar um abalo sistemático das bases da sociedade, para a desintegração sistemática da sociedade e de todos os princípios; para deixar todo mundo em desalento e

---

35) BAKUNIN, M. *Daughter of a revolutionary*, ed. Michael Confino, La Salle (III), 1973, pp. 305-309, apud. FRANK, J. *Dostoiévski: os anos milagrosos*, pp. 575-576.

transformar tudo numa barafunda e, uma vez assim abalada a sociedade, esmorecida e doente, cínica e descrente, mas com uma sede infinita de alguma idéia diretora e de autopreservação, tomar tudo de repente em suas mãos, erguendo a bandeira da rebelião e apoiando-se em toda uma rede de quintetos, que entrementes agiam, recrutavam gente e procuravam na prática todos os procedimentos e todos os pontos frágeis aos quais podiam agarrar-se'.<sup>36</sup>

Paralelamente ao desenvolvimento do problema do niilismo em Piotr Stiepánovitch, Dostoiévski desenvolve a trajetória de Stavróguin, personagem baseado em Spechniev como mencionado anteriormente. De acordo com Pessanha, Piotr é o duplo negativo de Stavróguin, isto é, “o lado negativo, *negro*, da personalidade do aristocrata – a parte que existe (e/ou existiu) em Stavróguin, agora destacada, fora do seu ser, cristalizada em *outra* pessoa”<sup>37</sup>. A duplicidade não significa uma cópia idêntica, mas o contraste que completa a matriz. E Pessanha continua: “por ser a parte *inferior* de Stavróguin, é Piotr Stiepánovitch que procura a companhia do outro, necessitando da sua existência como do ar que respira, de que depende; Stavróguin, por seu turno, por abarcar em si a personalidade global, em que se incluem os caracteres do próprio [Piotr] Verkhovensky, desprezaria, em termos, a presença de seu duplo”<sup>38</sup>. Nesse jogo de duplos, como analisado por Pessanha, Dostoiévski trabalha a distinção do niilismo em dois níveis. O primeiro corresponde ao niilismo propagado por Piotr que culmina no assassinato do ex-membro do grupo revolucionário, mas mesmo essa forma de niilismo tem a sua nuance – ela descende da maximização da atitude expressa já em Turguêniev de que o niilista é aquele que “não acredita em coisa alguma” desembocando na idéia de negação como destruição. Outro nível de niilismo é aquele encontrado em Stavróguin, que exprime o caráter bazaroviano de seguir unicamente a sua vontade sem que haja uma dobra *a priori* frente a algum princípio ou norma. Nesse sentido, encontramos Stavróguin mordendo a orelha do então governador Ivan Óssipovitch, participando de inúmeros duelos e levando um decano pelo nariz (um senhor que costumava dizer: ‘não, ninguém me leva no bico!’) unicamente por capricho. Em certo momento ele afirma: “em todo lugar experimentei minha força”<sup>39</sup> e isso deve ser considerado tanto à luz de Turguêniev (negamos e destruimos porque somos uma força), isto é, como extensão necessária do poder, quanto como um teste ininterrupto à la Raskólnikov com o propósito de checar se há alguma magnanimidade em si. Noutra momento, Stavróguin afirma “sou sempre senhor de mim quando quero”<sup>40</sup>, de modo que a experiência nada mais é do um teste para o seu autodomínio ou demonstração da sua força. Esse personagem, um dos mais trágicos do romance – senão o mais, é atormentado pela culpa e pelo vazio deixado por um acontecimento do passado,

---

36) DOSTOIÉVSKI, F., *Os demônios*. São Paulo: Ed. 34, 2005, p. 646.

37) PESSANHA, R. G. *Dostoiévski: ambigüidade e ficção*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira, 1981, p. 116.

38) *Ibid.*, pp. 116-117.

39) DOSTOIÉVSKI, F., *Os Demônios*, p. 651.

40) *Ibid.*, p. 667.

a sedução de uma menor e a sua morte. O capítulo, recusado pelo editor na época, foi incorporado muito após a morte de Dostoiévski no corpo do texto. A tragédia consiste justamente na disparidade entre a magnanimidade do personagem e o abismo criado pelo fantasma do passado.

A caracterização de Dostoiévski do movimento revolucionário sob um viés negativo, ao identificá-la com o terror, rendeu ao autor o rótulo de reacionário. Ao mostrar as conseqüências de um niilismo levado ao seu extremo, Dostoiévski havia sido interpretado como intelectual favorável à manutenção da ordem. Certamente, essa obra é rica de críticas aos niilistas, nos seus vários sentidos. O episódio do incêndio criminoso, cujas referências podem ser rastreadas até os incêndios de São Petersburgo de 1862, é certamente um desses momentos. Em *Os demônios* encontramos o governador Lembke exclamando: “– tudo isso é incêndio criminoso! Isso é niilismo! Se alguma coisa arde é o niilismo”<sup>41</sup>. De modo mais acertado ainda, acusa em seguida: “o incêndio está nas mentes e não nos telhados das casas”<sup>42</sup>. Dostoiévski reproduz a impressão de quase uma década antes quando presenciou os acontecimentos de São Petersburgo. Naquela ocasião, circulavam panfletos que incitavam o povo a incendiar e, por conta disso, Dostoiévski visitou Tchernichévski a fim de apelar para a sua liderança sobre a geração radical. Uma das versões desse encontro é a seguinte:

- Nikolai Gavrilovitch, o que é isso? – e estendeu-lhe a proclamação. Ele a pegou como se fosse uma coisa que desconhecesse totalmente e leu-a. Eram cerca de dez linhas.
- Como, o quê? – me perguntou, com um leve sorriso.
- Será possível que eles sejam tão estúpidos e ridículos? Será possível que não se pode fazê-los parar, que não se pode pôr um fim a essa abominação? Ele respondeu de forma muito séria e imponente.
- Você acha realmente que simpatizo com eles e que podia tomar parte na compilação desse pedaço de papel?
- Realmente, não acho – respondi – e julgo até desnecessário dizer-lhe isso. Mas, seja como for, eles devem ser detidos por todos os meios. Sua palavra tem influência sobre eles e sem dúvida eles têm medo de sua opinião.
- Não conheço ninguém no meio deles.
- Também estou certo disso. Porém, você não precisa conhecê-los ou falar com eles pessoalmente. Basta que manifeste em voz alta, em algum lugar, a sua reprovação. Isso chegará até eles.<sup>43</sup>

Se, por um lado, *Os demônios* é uma crítica incisiva às conspirações revolucionárias, tais como ocorreram na Rússia dos anos 1860, por outro, seria uma

---

41) Ibid., p. 503.

42) Ibid., p. 504.

43) DOSTOIÉVSKI, F. *Pólnoie Sobránie Sotchiniêni*, Leningrado: 1972-1990, vol. 21, pp. 25-26, apud. FRANK, J., *Os Efeitos da Libertação*, pp. 220-222.

simplificação ver nessa obra apenas um panfleto contra o niilismo. Para compreender isso é preciso analisar o seu contraponto no romance *O idiota*; nele, Dostoiévski desenvolve no príncipe Míchkin a noção de um indivíduo belo, isto é, essencialmente bom, um Cristo<sup>44</sup>. Entretanto, não há final feliz mesmo na obra que procura retratar o ideal cristão: o personagem é ridicularizado em boa parte da trama devido à sua “idiotice”, ou aceito na sociedade burguesa como um exemplar excêntrico, culminando no predomínio da loucura sobre a razão nesse indivíduo. Ou seja, parece-nos muito mais coerente interpretar *Os demônios* na mesma perspectiva que *O idiota*: em ambos os romances Dostoiévski leva um certo ideal de conduta, certos princípios e teses ao seu limite extremo, seja o niilismo, seja o ideal cristão ortodoxo. Em *Os irmãos Karamazóvi*, o personagem Aliócha encarnaria novamente a exigência cristã, não mais como ideal, um sujeito puro como o príncipe Michkin, mas como um Karamazov, isto é, um humano possível.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2005.
- COSTA, C. T. V. *O que é anarquismo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Crime e castigo*. Ed. 34, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O idiota*. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Os demônios*. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- FRANK, J. *Dostoiévski: as sementes da revolta (1821-1849)*. São Paulo: Edusp, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Dostoiévski: os efeitos da libertação (1860-1865)*. São Paulo: Edusp, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Dostoiévski: os anos milagrosos (1865-1871)*. São Paulo: Edusp, 2003.
- KELSEN, H. *O problema da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- JONES, M. V., *Dostoyevsky: the novel of discord*. London: Paul Elek, 1976.
- NETCHAIEV, S. *Catecismo revolucionário*. Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/04/253458.shtml>, acessado em 19/11/2007, às 23hs.
- PESSANHA, R. G. *Dostoiévski: ambigüidade e ficção*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira, 1981.
- PONDÉ, L. F. *Crítica e profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski*, São Paulo: Ed. 34, 2003.
- STEINER, G., *Dostoiévski ou Tolstoi*. São Paulo: Perspectiva, 2006

---

44) É interessante notar que tanto o príncipe Míchkin quanto Stavróguin causam uma perturbação na vida social, embora por vias diversas e praticamente opostas, o que mostra que o niilismo e o cristianismo, enquanto fenômenos radicais, podem produzir efeitos próximos. Cf. JONES, M. V., *Dostoyevsky: the novel of discord*. London: Paul Elek, 1976, p. 140.

KNAPP, Shoshana M. "The Dynamics of the Idea of Napoleon in Crime and Punishment". In: UGRINSKY, A.; LAMBASA, F. S.; OZOLINS, V. K.; *Dostoevski and the human condition after a century*. Connecticut: Hofstra University, 1986

TURGUÊNIEV, I. *Pais e filhos*. São Paulo: Abril cultural, 1981.

VOLPI, F. *O niilismo*, São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

